

Liberou Geral

**REFLEXÕES A CERCA DA JUVENTUDE NA PASSAGEM DA SOCIEDADE
DISCIPLINADORA À SOCIEDADE FLEXÍVEL NO CHAMADO “MUNDO PÓS-MODERNO”**

Julho de 2011

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM
Centro de Ciências Sociais e Humanas- CESH/Departamento de Ciências Sociais
Curso de Especialização “Sociedade, Violência e Juventude em Risco”
Orientador: Prof. Dr. João Vicente R. B. Costa Lima

Solange Carvalho de Souza

Pedagoga, Mestre em Educação/UFRGS. Servidora da FASE/RS em atendimento aos adolescentes autores de ato infracional. Pesquisa na área de educação, violência e juventude. Integra o Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação (NEJA) da PUCRS e desenvolve atividades no Projeto de Extensão: Projeto Proteger: saúde e comportamento violento/2011 da UFRGS - coordenado pelo Prof. Dr. Renato Zamora Flores.

Contato: (51) 8117.11.40 E-mail: souza.sol@terra.com.br

**LIBEROU GERAL: REFLEXÕES A CERCA DA JUVENTUDE NA PASSAGEM DA
SOCIEDADE DISCIPLINADORA À SOCIEDADE FLEXÍVEL NO CHAMADO
“MUNDO PÓS-MODERNO”**

**RELEASED GENERALLY: REFLECTIONS HER AROUND THE YOUTH IN THE
PASSAGE OF THE DISCIPLINARY SOCIETY TO THE FLEXIBLE SOCIETY IN
THE CALLED “WORLD MODERN-POWDERS”**

Solange Carvalho de Souza

Pedagoga, Mestre em Educação/UFRGS. Servidora da FASE/RS em atendimento aos adolescentes autores de ato infracional. Pesquisa na área de educação, violência e juventude. Integra o Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação (NEJA) da PUCRS e desenvolve atividades no Projeto de Extensão: Projeto Proteger: saúde e comportamento violento/2011 da UFRGS - coordenado pelo Prof. Dr. Renato Zamora Flores.

RESUMO

Este artigo visa refletir sobre a passagem de uma sociedade disciplinadora no período pós-guerra para uma sociedade flexível no chamado “mundo pós-moderno”. Tais mudanças originaram diferenciado modelo educativo e visão cultural, incrementadas por uma sociedade de consumo, decorrente do padrão capitalista almejado pelos brasileiros. O “Liberou Geral” é uma expressão popular muito utilizada entre os jovens e que neste artigo servirá de parâmetro para a produção de sentido de determinados discursos que fomentam a imaginária opinião pública e, em particular, de alguns dos cientistas sociais sobre as causas das ações violentas na juventude.

Palavras - chave: liberdade, juventude, pós-modernidade, violência.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the passage of a disciplinary society in post-war period for a flexible society in the "post-modern world." These changes led to different model of education and cultural vision, compounded by a consumer society, due to the capitalist pattern desired by the Brazilians. The "General Released" is a popular term widely used

among young people and this article will serve as a parameter for the production of meaning of certain imaginary speeches that promote public opinion and, in particular, some social scientists about the causes of actions violent youth.

Keywords: freedom, youth, post modernity, violence.

LIBEROU GERAL: REFLEXÕES A CERCA DA JUVENTUDE NA PASSAGEM DA SOCIEDADE DISCIPLINADORA À SOCIEDADE FLEXÍVEL NO CHAMADO “MUNDO PÓS-MODERNO”

Este artigo visa refletir sobre a passagem de uma sociedade disciplinadora no período pós-guerra para uma sociedade flexível no chamado “mundo pós-moderno”. Tais mudanças originaram diferenciado modelo educativo e visão cultural, incrementadas por uma sociedade de consumo, decorrente do padrão capitalista almejado pelos brasileiros. O “Liberou Geral” é uma expressão popular muito utilizada entre os jovens e que neste artigo servirá de parâmetro para a produção de sentido de determinados discursos que fomentam a imaginária opinião pública e, em particular, de alguns dos cientistas sociais sobre as causas das ações violentas na juventude.

Os estudos sobre a juventude nem sempre refletem a realidade juvenil. Apenas a traduzem, podendo ser ocultado, distorcido ou desviado. Mas como conclui Pais, 2005 importa ser realista no “sentido complexo”, isto é, implica a necessidade de um conhecimento integrado. Importante é tomar as partes como estratégia metodológica para chegar ao todo. Ou seja, observar e analisar, pondo atenção às implicações externas que influenciam as trajetórias de vida.

O ser humano é um ser inacabado e complexo, sujeito de suas próprias escolhas; recheadas de múltiplos componentes. Para cada componente é merecido um conceito, e dele, varia outros. O conceito de trajetória de vida inclui o conceito familiar, o de vida escolar, o de vida profissional, etc. São *links* distintos, embora conectados entre si.

Atualmente os educadores, não podem analisar, por exemplo, o fracasso escolar, somente por um ou dois conceitos, porque simplesmente o humano é uma conjunção

multifatorial e a *pedagogia não dá conta sozinha*¹. Por essa via, entende-se que pensar sobre as causas violentas na juventude é inclinar a cabeça à história e, buscar entendimento aos eventos que marcaram a sociedade.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, iniciou-se o período da Guerra Fria, o mundo foi dividido em dois blocos que transformou o planeta num grande tabuleiro de xadrez, em que um jogador só podia dar um xeque-mate simbólico no outro. Com arsenais nucleares capazes de destruir a Terra em instantes, os jogadores, Estados Unidos e União Soviética, não podiam cumprir suas ameaças, por uma simples questão de sobrevivência.

Mas como toda a propaganda tem um fundo ideológico, este período foi marcado por ideais distintos de vida entre democracia e felicidade. O ideal socialista almejava a sociedade igualitária. O Estado era o dono dos bancos, das fábricas, do sistema de crédito e das terras, e era ele, o Estado, que deveria distribuir riquezas e garantir uma vida decente a todos os cidadãos. Para os capitalistas, o raciocínio era inverso. A felicidade individual era o principal. O Estado justo era aquele que garantia à cada indivíduo, as condições de procurar livremente o seu lucro e construir uma vida feliz. A solução dos problemas sociais vinha depois, estava em segundo plano.

A experiência e sofrimentos da guerra modificaram em muito as famílias, que até então, traziam de antigas gerações, um modelo patriarcal mais endurecido e com regras rígidas de convivência doméstica. Na sociedade feudal, por exemplo, a criança começava a trabalhar como adulto, pois executava as mesmas atividades dos mais velhos. As mesmas possuíam pequena expectativa de vida por causa das precárias condições:

O importante era a criança crescer rápido para entrar na vida adulta. Na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Essa missão recai às instituições religiosas que detinham o poder de orientação social. Nesta época surgem os primeiros modelos escolares, primeiramente para os meninos nobres, sendo os demais atendidos de forma diferenciada gerando as relações discriminatórias. Nessa época surge o castigo corporal como forma de educação (disciplinar), por considerar a criança frágil e incompleta. É utilizado tanto pelas famílias quanto pelas escolas (Vieira, 2010 p. 10).

¹ Seminário promovido pelo GEEMPA, Porto Alegre em 2008.

O pós-guerra foi uma linha divisória entre um período marcado pelas certezas e o atual marcado pelas incertezas. Verdades antes absolutas, incontestáveis e imutáveis, sofreram desconstruções. Minorias se rebelaram e não mais aceitaram sofrer discriminações ou exclusões. Neste período as instituições passam a repensar seus valores, surgem manifestações em prol de melhores condições de vida e por vagas de empregos. O momento é marcado também pelo surgimento de entidades sindicais.

Foucault (2007) identifica estes focos de resistências locais aos poderes. Nos movimentos ativistas pelos direitos humanos, além de gays, negros, feministas, ecologistas e outras minorias que se organizaram como pólos de contra-poder, principalmente a partir da década de 1960, quando emerge o pós-modernismo.

Contudo, o mais forte destes movimentos pelos direitos partiu das mulheres. Elas, com justa razão, se revoltaram contra o preconceito sexista em que eram vistas como reprodutoras, submissas, dependentes, menos inteligentes, objeto sexual e com especial vocação religiosa e biológica: além de mulher, ser mãe; enquanto o homem estaria inscrito na ordem cultural como aquele que sabe, interage na vida pública, e é o provedor.

Estes papéis tão fortemente marcados foram contestados. A pílula anticoncepcional surgiu como um recurso passível de libertar das gravidezes nem sempre desejáveis. A mulher sai para a vida pública e o homem é convocado a participar da vida doméstica.

Ainda neste período, a evolução industrial e tecnológica passa a influenciar fortemente o ideal capitalista do bem viver. A acomodação no lar toma interesse por parte das famílias e os úteis aparelhos domésticos ditam as ordens sociais. Recentemente, o Vaticano, viu-se numa situação emblemática para explicar que a independência da mulher italiana não decorreu da pílula anticoncepcional, mas sim, da máquina de lavar, principal motivadora da autonomia e independência feminina.

No Brasil de 1944, em plena Segunda Guerra Mundial, era lançado o primeiro liquidificador. Sem dúvida, a aquisição de bens e consumo reflete um determinado modo de vida - ideal de felicidade. Segundo Valdec Branco, (2004) com as dificuldades da grande guerra, muitas mulheres estrangeiras tiveram que sair dos seus papéis de

protetora dos lares para trabalhar em fábricas, mesmo que não sendo respeitadas como os homens, elas começaram a conquistar os seus objetivos no mercado de trabalho. Essa atitude influenciou fortemente a mulher brasileira, que neste período era comandada com “rédeas curtas” pelo marido, considerado, como ainda é em muitos lares, o chefe de família.

O padrão da família brasileira era constituído pelo modelo da família nuclear: pai, mãe e filhos. Os divórcios eram raros. Segundo Vieira, (2010) antes o homem era formado para ser mais racional, e menos emocional o que dificultava o relacionamento afetivo. A firmeza masculina era ensinada de pai para filho e, naturalmente com anuência matriarcal. Nesse padrão de regras rígidas e obscuras o homem não poderia aparentar fraqueza, tão pouco poderia ser visto derramando lágrimas. Eram comuns na época as crianças serem castigadas e agredidas com vários instrumentos, como exemplo a mão à palmatória utilizada nos colégios tradicionais. Em casa, o cenário obrigava a obediência e o silêncio. Imperava a disciplina. O castigo e as agressões deixavam marcas.

Nos dias atuais, é curioso e ao mesmo tempo nos causa perplexidade, ouvir histórias dos mais velhos sobre as condutas educativas daquela época. Não raro é sabido das humilhações que sofriam e das proibições exageradas que culminavam em revoltas entre pais e filhos. Entretanto, nem tudo serviu de todo o mal, porque havia um respeito inabalável pela figura paterna, ou talvez medo - companheiro dos anos - fez o tempo amadurecer em entendimento, que na infância não havia lugar, menos ainda coragem – *os corpos dóceis* –, a submissão sobre o corpo que Foucault (2007, p. 146) chama de poder disciplinar, caracterizou determinadas sociedades no século 20.

O pensamento de Foucault (idem, 2007) argumenta que nenhum poder que fosse somente repressor poderia se sustentar por muito tempo, porque uma hora as pessoas iriam se rebelar.

Afinal de contas, imagine o que seria de uma sociedade, livre de mecanismos de poder, em que quiséssemos trabalhar ou estudar na hora em que desse na telha e resolvéssemos passar a maior parte do nosso tempo namorando, jogando futebol ou simplesmente não fazendo nada? E, para dar o exemplo para aqueles que são considerados corpos improdutivos para a sociedade, diz Foucault, foram criados asilos

para os loucos e prisões para os ladrões.

Retomando o principal marco da Guerra Fria, temos o lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Nessa perspectiva, a destruição das duas cidades nada teve a ver com o Japão, já militarmente derrotado, e sim com a divisão geopolítica do mundo. O propósito dos Estados Unidos, para alguns historiadores, foi de intimidar Moscou e conter o avanço do comunismo, em outras palavras, dar um castigo para provar o poder disciplinador de uma nação. Apesar da sensação de insegurança mundial, esse evento trouxe a tona um novo ideal de democracia, não mais limitado ao individualismo ou aos grandes interesses, mas, aos Direitos Humanos, incidindo diretamente na vida contemporânea.

O “Fantasma” de Jair Ferreira dos Santos pega carona na Máquina do Tempo (1895) de H. G. Wells.

Herbert George Wells, conhecido como H. G. Wells (1866 - 1946), foi interessante escritor britânico, visionário e membro da Sociedade Fabiana². Seus contos eram considerados, por outros escritores, de ficção científica, e que entraram na cultura popular em trabalhos como *A Máquina do Tempo*, *O Homem Invisível* e *A Guerra dos Mundos*. Suas idéias influenciaram muitos escritores e cineastas, inclusive foi berço para capítulos do filme *Jornada nas Estrelas*. *A Máquina do Tempo* (1895) conta a história de um inventor do século XIX, denominado no livro simplesmente por “Viajante”, que inventou uma maravilhosa máquina que fazia viajar pelo tempo, girando sobre seu próprio eixo sem sair do lugar.³ Mas convenhamos, o que a fabulosa criação de H. G. Wells tem a ver com esse ensaio acadêmico? Primeiramente, penso que só uma máquina do tempo poderia flutuar sobre este texto e ancorar-se em períodos

² A Sociedade Fabiana é uma organização política britânica de esquerda, fundada no ano de 1884, por cientistas, escritores, políticos e intelectuais.

³ O viajante expõe suas idéias de viagem no tempo para alguns amigos e apresenta-lhes um protótipo que desaparece diante de suas vistas, indo supostamente para o futuro. Em seguida mostra-lhes a máquina no tamanho original, marcando uma nova reunião para a próxima semana. Na semana seguinte os convidados e mais dois jornalistas aguardam o mesmo em sua casa, quando são surpreendidos pela sua chegada em estado físico lastimável, ferido, com as roupas rasgadas e a aparência de envelhecido. Após vestir-se e comer, inicia sua narrativa ante o olhar curioso de todos. Passa a narrar sua aventura, na qual teria viajado para o século LXXX. Uma Inglaterra completamente diferente estava diante de seus olhos... (Resumo do filme em <http://www.netsaber.com.br/resumos>).

distintos da História, trazendo a tona momentos de grande importância social e reviver atitudes, comportamentos e pensamentos da trajetória da vida de pessoas comuns, como uma fotografia que revela o minuto exato de quando é clicada, ou seja, *um minuto congelado no tempo* (frase dita por um personagem em um dos filmes da saga “Indiana Jones”).

Assim, utilizo uma produção subjetiva de deslocamento para trazer a idéia do pensamento retrogrado, até o momento presente, simulando possivelmente, uma junção nos papéis contemporâneos e pós-modernista representado pelo “fantasma” de Jair Ferreira (1987).

De toda sorte, a *Máquina do Tempo* nos traz do Pós-Guerra, início da Guerra Fria com o lançamento da bomba atômica, e nos transporta ao território brasileiro no ano de 2011 - ano que marca os 10 anos do 11 de Setembro e da invasão do Afeganistão e os 20 anos do colapso da União Soviética. Entre os acontecimentos de ordem mundial, a contínua corrupção brasileira não da trégua; origem cultural do chamado jeitinho brasileiro, ironicamente batizado na lei de Gerson. Na atual conjuntura, temos em pauta a crescente violência urbana dizimando a juventude, a crise econômica da Europa com centenas de demissões de emprego e, as manifestações do povo Grego como nunca antes vista (só nos livros de História), permeiam diariamente o noticiário internacional.

O “fantasma”, apelido do pós-modernismo, surgiu em 1950 quando ocorreram mudanças em vários âmbitos: ciências, artes, sociedade etc. Segundo Jair Ferreira (1987) o pós-modernismo pode ser encontrado em nosso dia-a-dia diante da explosão e saturação das informações. Não se sabe ao certo o que significa este período, situando-se entre pontos divergentes e paradoxos:

... decadência ou renascimento cultural. Decadente pois, segundo muitos críticos, não tem força intelectual; mas renascimento pois abala os preconceitos, ameniza o muro entre arte culta e de massa e é pluralista, já que propõe a convivência de estilos diversos. Assim é feita a pós-modernidade: de contradições. O pós-modernismo é o niilismo: ausência de valores. É a entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo (SANTOS, 1987, p.3)

Para melhor esclarecer a definição da era pós-moderna o autor, supracitado, Imagina uma fábula onde o herói, um certo urbanóide pós-moderno, convive com todas

as facilidades conquistadas pela era pós-industrial e tecnológica, exemplificando um ser muito próximo de nós, como mostra o trecho a seguir:

... o rádio-relógio digital dispara informações sobre o tempo e o trânsito. Ligando a FM, lá está o U-2. O vibro - massageador amacia-lhe a nuca, enquanto o forno microondas descongela um sanduíche natural. No seu micro Apple ii, sua agenda indica: REUNIÃO AGÊNCIA 10H/ TÊNIS CLUBE 12H/ ALMOÇO/ TROCAR CARTÃO MAGNÉTICO BANCO/ TRABALHAR 15H/ PSICOTERAPIA 18H/ SHOPPING/ OPÇÕES: INDIANA JONES-BLADE RUNNER VIDEOCASSETE ROSE, SE LIGAR / SE NÃO LIGAR, OPÇÕES: LER O NOME DA ROSA (ECO) - DALLAS NA TV - DORMIR COM SONÍFEROS VITAMINADOS/. Seu programa rolou fácil. Na rua divertiu-se pacas com a manifestação feminista pró-aborto que contava com um bloco só de freiras e, a metros dali, com a escultura que refazia a pietá (aquela do Miguelangelo) com baconzitos e cartões perfurados. Rose ligou. (...) sentado numa poltrona, estilo menphis - uma pirâmide laranja em vinil - desfiando piadas sobre a tese dela em filosofia: em cena, a decadência. A câmera adaptada ao vídeo filmou vocês enquanto faziam amor. Será o pornô que animará a próxima vez. Ao trazê-lo de carro para casa, Rose, que esticaria até uma festa, veio tipo impacto: maquiagem teatral, brincos enormes e uma gravata prateada sobre o camisão lilás. Na cama, um sentimento de vazio e irrealidade se instala em você. Sua vida se fragmenta desordenadamente em imagens, dígitos, signos - tudo leve e sem substância como um fantasma. Nenhuma revolta. Entre a apatia e a satisfação, você dorme (idem, pág. 08).

Retratar o andróide melancólico, narcisista, consumista e desestabilizado, sobre tudo, *linkado* nas últimas e rápidas informações do dia, tanto de ordem pública como privada (*Orkut, facebook, twitter*) não é nada difícil, porque simplesmente esse “fantasma”, mora ao nosso lado.

Vivemos a informação acelerada. A jornada é corrida, a alimentação é instantânea e os relacionamentos breves beiram em novos conceitos: *ficantes, namoridos*, namoros coloridos, *famílias mosaico* e outros cada vez mais assumidos. Na busca pela sensatez vimos grupos da terceira idade, ou, simpaticamente nominados “jovens há mais tempo” afirmar que na sua época, não aconteciam tantas coisas, como o índice assustador de violência, principalmente com os jovens; doenças como DST/AIDS, tanta gente morrendo de cânceres; religiosos que violentam sexualmente crianças e adolescentes e famílias que se matam por dinheiro, enfim, o que liberou geral?

Notadamente, parte desses acontecimentos já ocorria no passado. É ilusório afirmar que os males da pós-modernidade passaram a acontecer só porque houve a virada do século. Contudo, o tempero que realçou esse prato foi a presença da mídia nos lares de todas as classes sociais, ditando normas de convivência: como devemos ser, o que comer, vestir, onde morar, enfim, quem conhece realmente o “fantasma” do neoliberalismo?

Mas para tudo que se ganha, paga-se um preço, os ganhos e as perdas mudaram de lugar, segundo Bauman, 1998:

os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os males da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade (*procura do prazer*) pequena demais na busca da felicidade individual (BAUMAN, 1998 p.10, grifo meu).

Entremos novamente na Máquina do Tempo e nos deportamos ao período da promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988. Observemos o art. 5º quando trata da importância de todos sermos iguais perante a Lei, nos colocando assim, num estado democrático e moderno. Lembremos que este período, o povo brasileiro vivia sob o modelo ditatorial, o qual não nos reconhecia quase nenhum direito, portanto ao tomar ciência desta conquista, os cidadãos brasileiros passaram a acreditar que tal "igualdade" propiciaria ao povo os mesmos deveres e principalmente os mesmos direitos.

Nesse sentido, Angelina Peralva (2000) classifica o momento histórico entre insegurança e esperança, originando o paradoxo brasileiro. Período marcado pelas incertezas da ditadura. Contudo, emergentes pensamentos de confiança num futuro próximo permeavam os lares brasileiros, ou seja, “a criança é o futuro do País”.

No entanto, a sociedade brasileira entrou tardiamente no universo capitalista, não conseguindo acompanhar a tendência do panorama internacional, *sobrando* mesmo para os pobres e, afetando fortemente a classe média que perdeu seu lugar e, até hoje não sabe em que ranking está.

A antropóloga Alba Zaluar em suas pesquisas argumenta que é preciso começar pela investigação de como a pobreza afeta os jovens:

De fato, houve no Brasil, assim como em outros países do mundo, um processo de feminizar e infantilizar a pobreza. Além disso, qualquer que seja o critério adotado para calcular a pobreza, não existem dúvidas sobre a correlação entre baixa escolaridade e baixa renda. Os trabalhadores analfabetos ou com um ano de escolaridade constituem, segundo dados do IBGE, 72% dos trabalhadores pobres do país. (...) O aumento da proporção de famílias chefiadas por mulheres e de crianças com menos de 10 anos nas famílias de percentis de renda mais baixa no país é fato apontado por numerosos estudos (ZALUAR, 2004, p. 30).

Esses dados explicam melhor o fenômeno da criança de rua, que corta os laços com a família e escola e passa a viver na rua, na mendicância, guardando carros, pedindo comida na porta dos restaurantes. Ligada aos seus pares, vivem em grupo numa certa relação recíproca entre laços de amizade e laços de dependência, desenvolvendo outra relação de família, motivados pela liberdade, drogas e bebidas alcoólicas.

Tal fenômeno passou a ser definido de vulnerabilidade social, segundo Abromovay (2002, Apud, Guareschi 2007), é a insuficiência e a inadequação de recursos e habilidades, de um determinado grupo, em lidar com as oportunidades oferecidas pela sociedade, ou seja, os *desviantes* ou incompetentes.

Com essas características, crianças e adolescentes são presas fáceis do crime organizado, submetidos a toda espécie de usos e abusos, assim como de policiais corruptos:

Nas regiões metropolitanas do país, a criminalidade violenta cresceu predominantemente em favelas e bairros pobres das periferias urbanas. Nessas áreas, especialmente a partir dos anos 80, instalou-se o tráfico de drogas e os conflitos entre facções rivais que disputam o controle de um mercado altamente lucrativo. Também ao longo dos anos, cresceram a violência e a corrupção policiais, umbilicalmente ligadas ao tráfico de drogas. É nesses territórios pobres e carentes de serviços públicos que se registram os mais altos índices de violência letal. Nas cidades brasileiras mais violentas é possível identificar uma *geografia da morte*, em que as maiores vítimas são jovens negros e pobres. (RAMOS, 2004, p. 6).

É importante ressaltar, grosso modo, que os problemas sociais brasileiros vieram de um somatório de circunstâncias, decorrentes da ausência de políticas públicas, da ilegalidade e do poder de consumo. Nesse jogo de dominó, as peças vão caindo e no final encontramos as camadas sociais menos favorecidas.

As diferenças geográficas e regionais de um país, considerado o 5º maior do planeta influenciam a falta de controle do Estado. A urbanização crescente associada à

violência é palco dos mais diversos debates; diferenças etárias e raciais confirmam estatisticamente os jovens negros e pobres como as maiores vítimas da violência.

Pesquisa coordenada por Silvia Ramos (2004) ⁴ aponta o Brasil, de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes, em 1980, para 28,5 pelos mesmos 100 mil, em 2002. Países da Europa Ocidental têm taxas inferiores a três mortes intencionais por 100 mil habitantes e os Estados Unidos encontram-se na faixa de 5 a 6 mortes intencionais por 100 mil habitantes.

Nessa *muvuca*⁵ de estatísticas assombrosas, temos ainda os jovens de famílias abastadas envolvidos em vícios, no tráfico de drogas e na prostituição. O ganho fácil vislumbrou os filhos da classe média e alta, oriundos de famílias com os pais bem empregados, residentes de bons bairros e casas bem decoradas e, o mais chocante, são universitários ⁶.

Outro ponto nevrálgico e não menos importante característica do “mundo pós-moderno” são as doenças psicológicas. A depressão está entre as 10 doenças mais prevalentes no mundo. Está presente em 4,8% a 8,6% dos pacientes assistidos pela atenção primária e, no Brasil, o dado disponível indica prevalência de 16,8% ao longo da vida em adultos, segundo estudo epidemiológico realizado por Andrade em São Paulo. Por ser uma doença altamente incapacitante e crônica, tem importante efeito na qualidade de vida (Revista Brasileira de Psiquiatria, 2009).

É interessante a conclusão, entre tantas trazidas por Zaluar (2004), quando afirma que, a liberdade, na trágica modernidade brasileira foi um signo vazio, tampado nos períodos autoritários e “liberado geral”, sem direção nem fundo, nos períodos seguintes. “Convive-se, pois, simultaneamente com um excesso de moralismo autoritário e de liberalismo anti-social cujo lema é *fazer o que se quiser*”.

Depois da II Guerra mundial, o hedonismo colocou o prazer e o lazer à frente das preocupações humanas (Offe, 1989 Apud, Zaluar 2004). O Brasil também sofreu as conseqüências do enfraquecimento das moralidades. A sociedade esfacelada, não

⁴ Fontes: *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro/Asplan* e Censo Demográfico 2000, IBGE. Elaboração: Cesec.

⁵ Gíria utilizada para definir confusão.

⁶ Filme nacional “*Meu Nome Não é Johnny*”, 2008 de grande repercussão na mídia.

consegue conduzir suas relações morais, nem tem a garantia, pelo Estado, de seus vários direitos – uma nova pobreza se instala – vazia, ambiciosa e ousada, e dá lugar ao “fantasma” pós-moderno. Este já sabe que não existe Céu nem sentido para a História, e assim se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo. Segundo Santos (1987), pode escolher entre ser:

a) a criança radiosa - o indivíduo desenvolvido, sedutor, hedonista integrado à tecnologia, narcisista com identidade móvel, flutuante, liberado sexualmente (...).

b) o andróide melancólico - o consumidor programado e sem história, indiferente, átomo estatístico na massa, boneco da tecnociência (...). Tecnociência, consumo personalizado, arte e filosofia em torno de um homem emergente ou decadente são os campos onde o fantasma pós-moderno pode ser surpreendido. (SANTOS, 1987, págs. 11 e 12).

Para finalizar, sugiro que sigamos os conselhos de Foucault (2007): “não adianta investir contra o Estado, achando que ele é a causa de todos os males. Ele é apenas uma das representações desse poder que se exerce em uma série de mecanismos, que reproduzimos todos os dias sem ao menos nos darmos de conta.”

E ainda, conforto minhas idéias nas de Bauman (1998), que por sua vez, se apóia nas de Freud quando diz do orgulho da modernidade; derivados da ordem, do moralismo, sinônimos de beleza e limpeza. Então, vomitamos tudo isso: “compulsão”, “regulação” “supressão” - “excesso de ordem” - o causador dos mal-estares, inseparável da companheira “escassez de liberdade”, gerou uma intensa busca pela liberdade, explica em parte porque “liberou geral”. Nossa juventude é o reflexo dessa ordem transitante, ou desordem acomodada, pouco trabalhada, mas que está aí, nos cansando do *blá, blá* que nós mesmos produzimos.

Longe de achar respostas, bebo da fonte de Bauman (idem, p.255) e busco também esperança, concebida nas intenções de liberdade e apoiada na idéia de solidariedade. Filosoficamente o autor conclui: “a liberdade de todo indivíduo, e o livre desfrute dessa liberdade, requer a liberdade de todos; e que a liberdade de cada um precisa estar assegurada e garantida pelos esforços conjunto de todos”, ou seja, não há beleza, ou boniteza, como diria Paulo Freire, sem a solidariedade com os humilhados.

Para tanto precisamos repensar: em que figura de humano devemos ser para continuar vivendo? Vivendo bem pelo menos. Nem repressores, nem ousados, tão pouco conservadores, muito menos enlouquecidos. Utilizar de tudo que essa humanidade já construiu de bom, sem esquecer-se das ações positivas da educação, da cultura, do respeito, mesmo não se gostando disso. Aproveitar o que a tecnologia trouxe, sem fazer do outro o meu escravo, porque os robôs já foram criados.

Eu mesma, para elaborar este texto, sou grata ao avanço da internet. Apesar do princípio pós-modernista, confesso ser uma queixosa, querendo além do meu café passado na cafeteira; e gostaria sim, de somente apertar botões e ver sair o meu almoço preferido, pronto e quentinho, como os desenhos infantis da *Família Jetsons* e, quando retornar ao trabalho noutro dia, eu possa ser surpreendida com bem menos adolescentes internos “presos” numa instituição, onde a Máquina do Tempo de Wells não saiu do século XIX.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BRANCO, Valdec Romero Castelo: **Artigo Científico Publicado na Revista Eletrônica do Programa Interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação**. Pesquisa em Debate - Universidade São Marcos. Os efeitos da globalização na economia: sua relação com o emprego, a educação e a família brasileira. São Paulo: Ano I, n. 1, jul-dez. 2004, p. 25-37. Disponível em <conteudo@algosobre.com.br>. Acesso em julho de 2011.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988. Disponível em <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em julho de 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Editora Graal, 2007.

GUARESCHI, NEUSA M. F.; REIS, CAROLINA D., HUNING, SIMONE M., BERTUZZI, LETÍCIA D. Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um

estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do Programa do Trabalho Educativo. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, UERJ, ano 7, nº 1, 1º semestre de 2007. Material em pdf.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Coleção: Enciclopédia Moderna, nº 3. Série Sociologia. 2005, Ed. Ambar . Porto.

PERALVA, Angelina. **Violência e Democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

REVISTA BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA versão ISSN 1516-4446 Rev. Bras. Psiquiatr. vol.32 nº. 2. São Paulo junho 2010 Epub 18 de dezembro, 2009. Acesso em julho de 2011.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. Ed. Brasiliense, 1987. Disponível em <www.scribd.com>. Acesso em julho de 2011.

ZALUAR, Alba. **Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro Editora FGV, (Violência, cultura e poder), 2004.

RAMOS, Silvia. **Criminalidade, segurança pública e respostas brasileiras à violência**. Montevideo: Instituto del Tercer Mundo, 2004. Material em pdf.

SIQUEIRA, Aline Cardoso; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. **Revista Psicologia & Sociedade**; Porto Alegre, v. 18 (1): 71-80; jan/abr. 2006. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOUZA, Solange Carvalho de. **O Processo de Letramento como Ajustamento Secundário Numa Situação de Privação de Liberdade: estudo de caso em uma unidade para adolescentes infratores**. Dissertação de Mestrado. PPG Edu/UFRGS, 2005.

VIEIRA, Talita Carmonia. A família Brasileira. Publicado 16/08/2010 por **Revista do Serviço Social**. Disponível em <<http://www.webartigos.com>>. Acesso em julho de 2011.

